

ABRIL - JUNHO 1999



Roteiros

35. Boletim Informativo do Instituto Dom João de Castro

IMAGEM DE NOSSA SENHORA COM O MENINO



Imagem de Nossa Senhora do Século XVIII
Catedral de Lisboa

AS NAÇÕES E OS VALORES RELIGIOSOS



A questão da relação dos valores religiosos com as identidades nacionais parece ter como premissa maior a teologia dos povos eleitos, e como circunstância de actualidade o facto de se ter divulgado a tese de que os grandes conflitos do próximo século se darão entre áreas culturais identificados pela religião dominante.

As teologias dos povos eleitos floresceram em diversas épocas, animando os fundamentalismos judaico, cristão, e muçulmano, e apoiando intervenções armadas de graves consequências.

O Livro de Josué descreve a campanha impiedosa que conduziu contra os nativos, os canaanitas que não deviam viver no seu país: "naquele tempo, veio Josué e exterminou os encim da montanha, de Hébron, de Dabis, de Anab, de todas as montanhas de Judá e de todas as montanhas de Israel: votou-os com suas cidades ao anátema".

Todavia, nos séculos XI e XII das Cruzadas, os cristãos imaginaram-se o Novo Povo Eleito, e assim conduziram as campanhas implacáveis contra judeus e muçulmanos. Foi notado por Karen Armstrong que "as teologias de eleição calvinistas têm sido inúmeras vezes instrumento de encorajamento dos americanos, a fim de estes pensarem que são a própria Nação de Deus".

Esta teologia do povo eleito tem uma história de relação com o poder político, que ao liderar o povo para a realização dos desígnios divinos, inclui por vezes a eliminação dos que não pertencem à comunidade. Ou o poder simplesmente recebe a legitimidade vinda directamente da sede divina, sem intervenção do poder de sufrágio, manifestado em qualquer das suas formas históricas; ou relação entre o povo e o poder se desvia de tal vínculo, para que as regras baseadas na fé se incorporem nos modelos de comportamento social, ou sejam culturalmente invocados como padrão e limite do poder; ou finalmente os padrões culturais de comportamento social ficam alheios ao poder e à sua relação com a sociedade civil, para fazerem parte do tecido cultural de múltiplas vozes.

Na área da república cristã é longa a teoria histórica da alternância destas posições, nem sempre fáceis de analisar.

Na mobilização para as Cruzadas, época em que os cristãos se assumem como Povo de Deus pronto para o combate contra os infiéis, também do exterior seriam vistos como uma unidade de povo agressor.

Uma unidade que não resistia à evolução dos modelos de poder político, um facto dramatizado por Erasmo ao lamentar-se dos litígios entre as soberanias europeias que não se uniam para enfrentar a ameaça dos turcos, chegados estes às portas de Viena e obrigando o Impé-

rio de Carlos V à composição e ao pagamento de contribuições.

A Europa veria nascer o Estado soberano, com os príncipes reclamando a legitimidade do poder vindo directamente de Deus, proclamando-se católicos, cristianíssimos, fidelíssimos, assumindo a imposição da fé a todos os súbditos, exercendo missões evangelizadoras, mas exigindo relações individualizadas com a Santa Sé, e procurando associar ou de facto subordinar tais relações aos interesses do Estado.

A relação de Carlos Magno com a ordem cristã serve de paradigma da evolução e das várias formas que a relação veio a receber. A cerimónia de 25 de Dezembro de 800, onde Leão III o coroou, foi assim interpretada por Alcuino: "Até então três pessoas estiveram no topo da hierarquia neste mundo: 1.º O representante da transcendência apostólica, vigário do bem aventurado Pedro, príncipe dos Apóstolos, cuja cadeira ocupa. O que aconteceu ao detentor actual desta cadeira, vossa bondade teve a atenção de me comunicar; 2.º Vem em seguida o titular da dignidade imperial, que exerce o poder secular na Segunda Roma. De que maneira ímpia o chefe deste Império foi deposto, não por estrangeiros, mas pelo seus e pelos seus concidadãos, foi sabido em

COMPLETE A SUA BIBLIOTECA COM LIVROS DE ALTA QUALIDADE

O Instituto D. João de Castro deseja ajudá-lo nesse seu projecto cultural e dispõe das seguintes obras:

Legado Político do Ocidente de Adriano Moreira, César Albuquerque e Alexandre Bugalho	5.000\$00
Comentários — Adriano Moreira	1.500\$00
Colecção de Tratados, Convenções e outros actos públicos relativos a Portugal — Henrique Martins de Carvalho, 5 Volumes	15.000\$00
Ensaio Sobre o Problema de Estado, 2 Volumes de Adelino Maltez	5.000\$00
Imperial-Comunismo — Adelino Maltez	4.000\$00
Estratégia, 6 Volumes	6.000\$00
Mudança Cultural do Brasil	3.000\$00
Obras Completas de D. João de Castro, 4 grandes Volumes. Coordenação de Armando Cortesão e de Luís Albuquerque — cada Volume	12.500\$00
— A Colecção completa	50.000\$00

(Estes preços têm um desconto de 30% para os nossos sócios e leitores de *Roteiros*).

todos os lugares; 3.º Vem em terceiro lugar a dignidade real, que Nosso Senhor Jesus Cristo vos reservou para que governeis o povo cristão. Esta é superior às duas outras dignidades, ensombra-as pela sabedoria e ultrapassa-as. Agora é apenas sobre ti que se apoiam as igrejas de Cristo, apenas de ti esperam a salvação; de ti, vingador dos crimes, guia dos que erram, consolador dos aflitos, apoio dos bons”.

No exercício do poder, Carlos assumiu-se como um profeta de Deus - rex et sacerdos - e os seus enviados (missi) dirigiam esta mensagem aos povos do Império: “Somos enviados aqui para a vossa salvação eterna e temos o encargo de vos advertir para que viveis virtuosamente segundo a lei de Deus e com justiça segundo a lei do século. Primeiro vos fazemos saber que deveis crer em um só Deus, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, ao mesmo tempo verdadeira trindade e unidade, criador de todas as coisas, no qual está a nossa salvação... Acreditais que há apenas uma Igreja que é a sociedade de todos os homens piedosos sobre a Terra...”

O Estado soberano, o dogma de que cada Rei é Imperador no seu Reino, multiplicou e regionalizou nos vários Estados as manifestações da teologia dos eleitos.

A cruzada contra os albigenses (1208 - 1244) que os reprimiu sem compaixão em nome da monarquia dos Capetos; o papel da Inquisição nos Estados peninsulares, e a cruel expulsão dos judeus de Castela e Portugal; a matança de Saint-Barthélemy em 1576; a pregação de

Lutero, cujas teses foram afixadas em 1517, e incluiu o apelo à violência, escrevendo que “se castigamos os bandidos com a espada e os hereges com o fogo, porque é que não havemos de atirar com as armas a esses cardeais, a esses Papas, a toda essa Sodoma romana, que subjuga e corrompe a Igreja, lavando as nossas mãos no seu sangue para nos salvarmos e aos nossos do mais perigoso incêndio universal?”; o apartheid africano dos nossos dias incluía o ensino de que os negros são os danados e condenados de que fala a Bíblia.

A longa e secular evolução desta questão da relação entre o Estado e a Santa Sé, talvez possa sintetizar-se deste modo: a íntima relação com alternância da supremacia, durante a vigência do legitimismo; expulsão da Igreja pelo Estado na sequência das revoluções liberais, com apaziguamentos concordatários; finalmente, o Concílio Vaticano II separa-se radicalmente do poder político, e proclama que nenhum Estado e nenhum partido se pode considerar filho dilecto da Igreja, que a todos oferece doutrina, princípios, orientações. As fidelidades horizontais do Povo de Deus, que não tem nacionalidade, são transfronteiriças e cruzam as fidelidades verticais em que o Estado assenta.

A querela que se desenvolveu entre as Duas Espadas, e durante a qual a reacção dos príncipes definiu as autonomias que viriam a ser cobertas pelo conceito da soberania renascentista, foi todavia marcada pela contribuição da Igreja para a formação das Nações, e da



O Papa João Paulo II recebendo em audiência privada no Vaticano o Prof. Doutor Adriano e o Pe. Joaquim António de Aguiar por ocasião da oferta do volume dos Discursos e outros documentos do 1.º Bispo da Beira Mons. Sebastião de Resende (1943-1967) em Março de 1995.

sua doutrina para o desenvolvimento do tecido cultural em que se reconhece a identidade nacional.

O teor cultural da sociedade civil é envolvido pelos ensinamentos da doutrina, e, à margem das multiplicações das soberanias, já Camões, no Manifesto que incluiu nos Lusíadas, identifica a sociedade transnacional europeia pelo bilhete de identidade que é a Bíblia.

Mas a Igreja teve uma acção positiva no que respeita ao nascimento dos valores da pátria, do patriotismo, da Nação, que acompanharam a regionalização do poder político.

Em primeiro lugar, com importância diferenciada pelos vários lugares do Império, fornecendo com as dioceses um quadro administrativo ligado à terra e um líder visível, o Bispo que será eventualmente chamado - *pater patriae*. A cobrança de imposto autorizada pelo Papa para custear as cruzadas, *pro necessitate Terrae Sanctae*, será substituída pela cobrança *ad defensionem patriae*, laicizada. A morte nas cruzadas que, como ensinara Urbano II, era martírio pelo amor de Deus mas também pelo amor dos semelhantes, receberá igual sacralidade ao ser sofrida pelo *corpus mysticum da Igreja*.

O patriotismo, reforça por calamidades como a Guerra dos Cem Anos, vai consolidar o movimento das Nações, por vezes com o apoio, outros em contradição com a Igreja: na Península, a Reconquista cristã projecta e fortalece as identidades, como aconteceu com

Portugal; Michael De-La-Noy (*Church of England*, London, 1993) ainda hoje sustenta que se há uma igreja que se identifique com uma Nação, esta é a Igreja Anglicana, elemento chave da identidade inglesa; em França, Joana d'Arc escreve ao Rei de Inglaterra informando-o que "viera ordenada por Deus, Rei do Céu, para vos expulsar de toda a França", para refazer a unidade do "Santo Reino", porque "o Rei do Céu assim o quer".

As expansões coloniais da frente marítima europeia, serão frequentemente apoiadas pela teologia do povo eleito, levando por vezes a execuções genocidas, mas as emergências do processo vão traduzir-se na herança recebida pela laicização do Estado, que assumiu o valor da Nação, do patriotismo, do imperativo *pro patria mori*, da herança cultural grega, romana e judaico-cristã, e que seria por vezes fundamentalista com o nacionalismo agressivo que incorporou valores da sociedade civil na ideologia de Estado, ou apoiou a ideologia de Estado em valores da sociedade civil.

O certo é que a sociedade civil do Povo de Deus, transfronteiriça, transestadual, e essencialmente europeia e ocidental, inscreveu os seus valores na identidade de cada uma das Nações em que o povo europeu e ocidental se multiplicou, mas o património específico de cada uma delas tomou-se autónomo com a agregação diferenciada da multiplicidade de trajectos históricos, de conceitos estratégicos estaduais, de acidentes ideológicos transitórios.

Na transição para o Século XIX, com a Revolução, com a agressão napoleónica a despertar energias novas, a Nação ergueu-se na própria França em Valmy, respondeu na Alemanha, em Itália, na Polónia, na Península Ibérica, adoptando o imperativo *pro patria mori*. Em 1918, nos 14 Pontos de Willson, finalmente foi consagrado o princípio da Nação-Estado, que em todo o caso sempre encontraria e a resistência da inviabilidade decorrente do ambiente sistémico. Assim aconteceu, por exemplo, com os povos Bálticos, com independência viável entre as duas guerras mundiais, perdendo-a nos cinquenta anos de Ordem dos Pactos Militares, recuperando-a depois de 1989.

Todavia, nesse período amargurado da ameaça do holocausto, os valores cristãos, e as Igrejas várias, tiveram um papel relevantíssimo na preservação das identidades nacionais, e da vontade de recuperar o lugar independente e separado na comunidade internacional.

Foi assim com as Igrejas protestantes na República Popular da Alemanha do Leste, com a igreja católica na Polónia, com os uniatas na Ucrânia, com os monofisistas na Arménia, com os ortodoxos na Rússia.

Se a ambição de pertencer a uma Nação Livre teve esta linha dura de desenvolvimento em cinquenta anos de satelização, a ambição de pertencer a uma Nação justa faz frequente apelo aos mesmos valores, designadamente com a teologia de libertação, onde se destacaram, na América Latina, a doutrinação de Leonard Boff e a intervenção guerrilheira do Padre Camilo Torres. Tratou-se sempre, no Estado laico, de fazer o apelo aos céus de que falava Lock, a violência irrenunciável contra a degenerescência do poder e a ruptura do contrato social.



HOTEL ROMA

AVENIDA DE ROMA, 33 — 1749-074 LISBOA
END. TELEG. - ROMATEL — TELEX 16586 P
TELEFONE 76 77 61 (10 LINHAS)

EM FÁTIMA:

HOTEL SANTA MARIA

Rua de Santo António
Telefs. (049) 510 15 / 510 25 — Telex 43108

HOTEL DOM JOSÉ

Av. D. José Alves Correia da Silva
Telefs. (049) 522 15 / 522 25 — Telex 43279

A recuperação da Europa para a vida internacional, inevitavelmente passando pela restauração dos Estados nacionais humilhados e destruídos pela invasão nazi, fez um apelo fundamental aos valores europeus, entre eles, e com especial relevo, os que identificaram a corrente política que recebeu a designação de democracia cristã.

Estes comentários dizem respeito à área ocidental, onde o conceito de Nação, variando entre uma concepção contratualista ligada à vontade, e uma concepção comunitária apoiada em elementos objectivos como o sangue e a língua, corresponde a realidades, sem dúvida não excessivamente numerosas, mas consolidadas.

Todavia, o ideal de Estado nacional emigrou com a colonização, e por todas as áreas da antiga proeminência euromundista, os novos poderes afirmam-se nacionalistas, e com isso, a maior parte das vezes, apenas podem significar que pretendem vir a construir um Estado nacional.

É um nacionalismo de projecto, que por vezes aparece sobreposto a conceitos vagos como o de Nação islâmica, que faz parte da ideologia do Estado, a qual umas vezes rejeita os valores religiosos, outras os incorpora.

No processo de dissolução dos impérios, consequência da primeira guerra mundial, a revolução turca pretendeu um Estado laico, reconhecendo os valores religiosos apenas para a identificação da sociedade civil, pelo que extinguiu o califado.

Mas são agora diferentes as realidades pelo vasto cinturão muçulmano que de Gibraltar à Indonésia divide o Norte do Sul do mundo.

Os valores religiosos foram incorporados na ideologia de Estado no Afeganistão com as consequências sabidas sobre a derrocada da Ordem dos Pactos Militares, no seguimento da dissolução da União Soviética.

Tais valores foram incluídos na ideologia da Revolução do Irão, e talvez seja ainda nesse país que decorre o processo mais significativo a exigir um estudo de caso específico.

Depois da insurreição fundamentalista a que presidiu o Ayatollah Komeiny, foi quando da eleição de Mohamed Khatami para a presidência da República, em Maio de 1997, que as perspectivas em confronto se definiram. Os conservadores que se apresentam como guardiões da pureza revolucionária chamam revisionistas a todos os que pretendem encaminhar o Estado para um regime com repressão da religião, implantando uma laicidade de direito, a caminho de ser uma laicidade de facto. De acordo com a orientação presidencial "é necessário acabar com o equívoco de pretender que o islão tem ensinamentos suficientes para responder às necessidades de uma sociedade moderna, tais como a democracia e os direitos humanos". Acrescenta que a religião do profeta determina sobretudo as obrigações dos crentes, enquanto que a democracia garante os direitos dos cidadãos, o que será necessário tomar coerente.

Acontece que o poder judicial escapa aos padrões legislativo e executivo, e entende que "a justiça é de essência divina", segundo o seu dirigente Assadollah Badamchian, e portanto diabolizante dos ocidentais, oposta à caducidade da supremacia das instâncias re-

ligiosas e à eliminação das sanções penais tradicionais, favorável à condenação à morte dos apóstatas como Salman Rushdie, contrária à igualdade dos direitos das mulheres aos direitos dos homens e à eliminação das discriminações contra os não-muçulmanos.

O imperativo revolucionário de lutar contra os inimigos internos e externos, eliminando a agressão cultural dos ocidentais, o que muito frequentemente quer dizer dos americanos, é uma trave mestra desse pensamento.

É por isso que a licitude dos partidos continua a depender de uma espécie de juízo inquisitorial, no qual o fundamentalismo religioso de facto parece controlar a justiça, as forças armadas, os "guardas da revolução", os meios de comunicação social, e ainda vigia o Presidente da República, declara a guerra e a paz, interpreta enfim a vontade do Profeta e dos seus doze santos imans.

Digamos que o tecido cultural vive uma tensão entre os elementos islâmicos do seu património cultural, os elementos ocidentais importados, e os elementos do nacionalismo modernizante do Estado e em progresso.

A falta de compaixão do fundamentalismo da Argélia é um aviso sobre dinamização que os valores religiosos, incorporados a uma ideologia do Estado, ou de forças políticas, podem desencadear.

A lição é a da ambiguidade da resultante da incorporação dos valores de religiosa na concepção do mundo e da vida das sociedades civis, ou na ideologia do Estado, que tanto podem orientar para a redefinição de uma nova forma de paz, como acontece na Europa das democracias cristãs que assumiram implantar uma unidade europeia; como podem inspirar um fundamentalismo diabolizante das áreas ocidentais, o que nesta data diz particularmente respeito aos muçulmanos; como podem apolar o apelo aos céus de sectores da população que não sentem pertencer a uma Nação justa, como se passa com os deserdados da América Latina; como ainda podem dinamizar a luta por uma Nação livre, como aconteceu na vasta área dos satélites.

Por isso o Papa João Paulo II pretendeu definir um voluntarismo comum às religiões ecuménicas, e a todas convocou para Assis no sentido de acertarem na definição dos valores comuns em que poderão fazer convergir os esforços para a implantação da paz. E a nova mensagem de Assis.

Para defesa dos direitos dos homens e dos povos, para salvaguarda das nações e das pátrias que, no ocidente, muito devem ao legado cristão. Talvez por isso, quando visitou a sua Polónia natal, nesta ano de 1999, provavelmente pela última vez na vida, João Paulo II se despediu dizendo adeus e abençoando a sua Nação, a sua Terra, a sua Pátria.

Instituto de Altos Estudos Militares

2 de Julho de 1999

ADRIANO MOREIRA (*)

(*) Discurso pronunciado em 2 de Julho de 1999 no Instituto de Altos Estudos Militares (Lisboa).

CONGREGAÇÃO DOS CLARETIANOS

150 ANOS E 100 ANOS

Há 150 anos que Santo António Maria Claret fundou, em 16 de Julho de 1849, a Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria na pequena cidade de Vich na Catalunha. Fazia 15 anos que o Governo espanhol tinha extinto todos os Mosteiros, conventos e casas religiosas.

Porém, o regime político monárquico cai e todas as Congregações Religiosas são expoliadas dos seus haveres e casas e as igrejas são fechadas.

A partir de 1918 as Congregações Religiosas recomeçam a implantar-se em Portugal e posteriormente no Ultramar, sendo



Estátua em mármore na Basílica de Fátima



Ruínas da Casa de Aldeia da Ponte (1998),
1.º Colégio Claretiano em Portugal

Celebramos pois, os Claretianos, os 150 anos da fundação da nossa Congregação. Nestes 150 anos os Claretianos espalharam-se pelos 5 continentes do mundo.

O espírito que o Pe. Claret infundiu à sua Congregação é universal (Katolikós).

St.º António Maria Claret foi Arcebispo de Santiago de Cuba, esteve em Lisboa em Dezembro de 1866 acompanhando a Rainha Isabel II, foi Padre do Concílio do Vaticano I e "pai" de várias Congregações Religiosas. Desde Julho do Ano de 1954 ocupa na Basílica de Fátima o nicho da direita do altar mor, por ter sido no seu tempo o grande apóstolo da devoção ao Coração de Maria.

Os seus filhos, os Padres Claretianos, vieram para Portugal em 12 de Maio de 1898 estabelecendo-se em Aldeia da Ponte.

acarinhadas pela Concordata e o Acordo Missionário de 7 de Maio de 1940.

Os Claretianos constituem em Portugal em 31 de Maio de 1950 a Província Portuguesa com a autonomia que lhe concede o Direito Canónico de Religiosos.

A Província Portuguesa tem neste momento 11 Comunidades em Portugal, 2 em Angola e 1 em S. Tomé somando ao todo uns 100 religiosos.

A sua Acção Apostólica é relevante na área paroquial: 9 paróquias em Portugal, 2 em Angola e 8 em São Tomé.

No entanto, é justo lembrar a sua acção na área da Educação, destacando-se no Norte, o Colégio dos Carvalhos com mais de 2.000 alunos, um Instituto Superior Politécnico e em Lisboa o Colégio Universitário Pio XII com 155 estudantes Universitários



Colégio universitário Pio XII na cidade Universitária de Lisboa

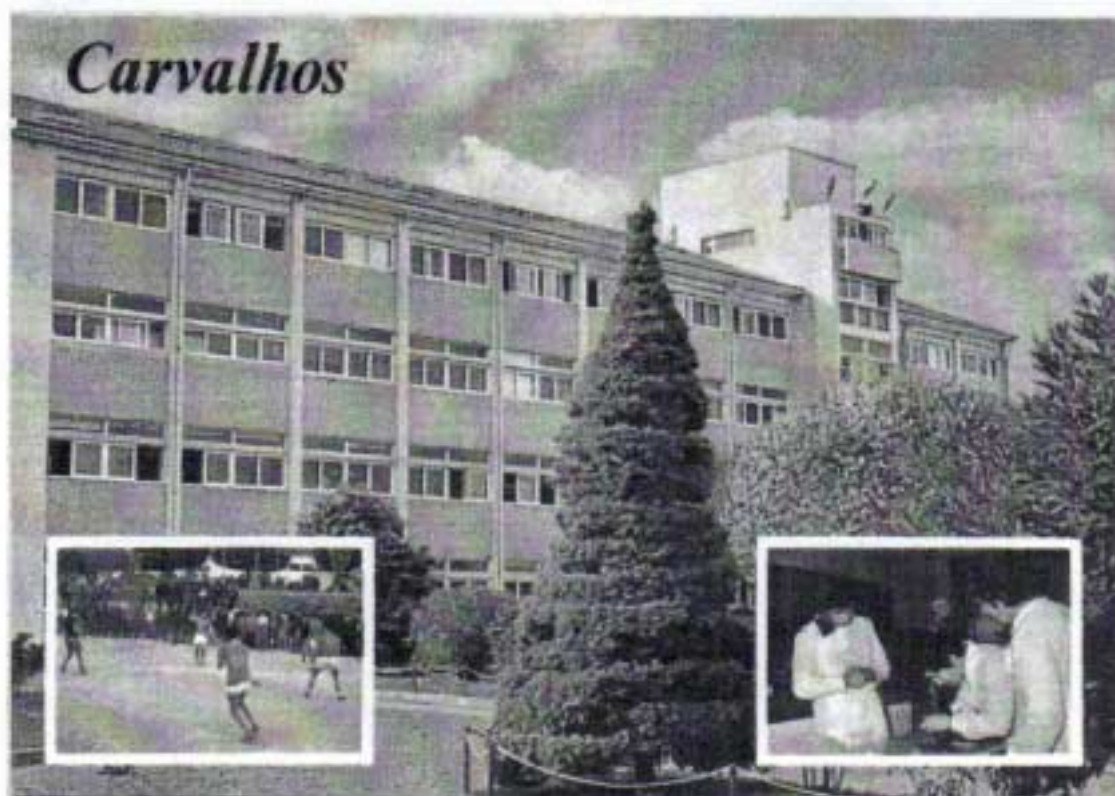
oriundos de todo o país e Regiões Insulares e trabalhando na imprensa, noutros meios de comunicação social e dirigindo instituições culturais do mais alto nível nacional e europeu.

Seja-me permitido destacar uma acção cultural de nível europeu os XXV Encontros Europeus de Universitários e os 10 Foruns Universitários de Estudos Europeus, tendo mobilizado nos primeiros 2.100 Universitários e nos Foruns Universitários de

Estudos Europeus uns 800 estudantes Universitários de Portugal, Espanha, Rússia, República Checa e Eslováquia.

Ilustramos esta nota com as fotos dos Colégios dos Carvalhos, Colégio Universitário Pio XII e do 1.º Colégio de Aldeia da Ponte.

Pe. Joaquim António de Aguiar



Colégio — Internato dos Carvalhos em Vila Nova de Gaia

O COLÉGIO UNIVERSITÁRIO PIO XII REALIZOU EM GOA DE 25/3 A 2/4 DE 1999 O X FORUM UNIVERSITÁRIO DE ESTUDOS EUROPEUS COMEMORANDO O REGRESSO A LISBOA DE VASCO DA GAMA

"AS PEDRAS FALAM"

Foi para todos nós uma grande vitória o podermos realizar em Goa o X Fórum Universitário de Estudos Europeus e ouvir no silêncio o idioma de Camões, que por ali andou e por ali se inspirou, para escrever os Lusíadas e outras poesias que formam parte do nosso tesouro cultural.

Todos nós experimentámos o fenómeno das "pedras": os monumentos falarem e transmitirem ao futuro uma cultura, que foi criada e acarinhada durante séculos por gerações, que acreditaram que seriam um testemunho dum povo que tinha uma vocação universal.

Porém hoje, passamos pelas ruas de Goa e não ouvimos os ecos das vozes do passado, mas somente as imagens do passado.

A visita a Goa é uma excepção em relação à transmissão do idioma de Camões e de outros que ali viveram e acreditaram no futuro.

Na luta de culturas perdemos parte dessa guerra, o nosso idioma, que vingou em África, no Brasil e outras partes do mundo, emudeceu em Goa ou está agonizante.

É certo que as "pedras", serão o grande testemunho da nossa presença no passado, durante séculos que se seguirão aos 461 anos em que a nossa cultura literária imperou através da transmissão da palavra que se aprendia no meio familiar, na escola e na vida pública.

Assistimos a uma morte lenta, a uma agonia em relação à nossa cultura literária.

As escolas já não ensinam o português e dentro dum pequeno espaço de tempo, 20 anos mais, não se ouvirá nenhuma palavra em português nas ruas de Goa.

O cidadão português que visitar Goa, terá que utilizar o inglês ou o idioma local, que se ensina na família e nas escolas.

Porquê este fenómeno? É difícil dar uma resposta.

Goa ficará mais pobre culturalmente com a supressão do português na intercomunicação social e literária.

Mas os tempos que vivemos, as mentalidades que imperam são insensíveis a esse fenómeno.

Um povo é mais rico quanto mais idiomas falar e muito especialmente em relação ao idioma que imperou durante 5 séculos e fez com que as "pedras falassem" e falarão no futuro, ainda que ninguém as entenda por falta de conhecimento da nossa cultura.

Os participantes deste X Fórum pertencem ao grupo de testemunhas, que presenciaram a "morte da língua de Camões" e de outros muitos milhares de portugueses que construíram Goa e acreditaram que a sua vida cultural futura seria a base do "nosso idioma" e dos outros idiomas locais, constituindo assim uma área literária polivalente e mais rica que as outras áreas da União Indiana.

Termino esta pequena, mas importante reflexão, com o ditado latino: "Oh tempora! Oh mores!"

Pe. Joaquim António de Aguiar

O FORUM EM GOA

A Comissão Organizadora congratula-se de ver cumpridos, os objectivos do X Fórum. Desde a sua génese, o Fórum tem sido um meio de promover o debate de assuntos pertinentes da actualidade e divulgar temas incidentes sobre a relação de Portugal com o Mundo.

Todos os anos, os concorrentes são incitados a desenvolver e alargar os seus horizontes culturais e académicos, através da elaboração de trabalhos subordinados a um tema comum. É um painel de estudantes informados que tem a oportunidade de propor à discussão, no país estrangeiro que estudaram, o fruto do seu trabalho e investigação.

Este ano, o tema em discussão foi "A Universalidade dos Descobrimientos Portugueses". Neste aspecto, podemos considerar que o Fórum de Goa foi muito bem sucedido.

Como já é do conhecimento geral, a própria realização do X Fórum foi ameaçada por graves entraves diplomáticos e burocrá-

GERTAL ESCOLAR ALIMENTA O FUTURO



gertal

Gestão de Qualidade

O equilíbrio alimentar é uma condição necessária ao bom desenvolvimento da criança e da adolescente.

Os profissionais da GERTAL, apoiados por uma selecção e uma formação rigorosas e por uma vasta experiência em inúmeras instituições escolares, asseguram-lhes uma relação de confiança e um Serviço de Qualidade.

Por isso os Alunos, os Professores e os Auxiliares Educativos usufruído do prazer de uma refeição esmerada com base em produtos rigorosamente seleccionados.

ticos. Depois de nove Fóruns e vinte e cinco Encontros Universitários realizados, estávamos na eminência de ver negada a continuação desta saga cultural.

Por esta razão, foi necessário desviarmo-nos do molde habitual dos Fóruns. A exposição e debate dos trabalhos seleccionados foi limitada àqueles que não abordavam pontos sensíveis ao Governo do Estado nosso anfitrião. Foi necessário disfarçar as nossas actividades sob o nome "Encontro Turístico-cultural Interuniversitário".

O eufemismo resumiu-se a isso mesmo. Ninguém negará que o que foi vivido em Goa foi um Fórum a sério. Foi uma vitória excepcional para todos os participantes termos podido apreender com os nossos olhos aquilo que não pudemos discutir nas sessões de trabalho. Que a presença portuguesa em Goa é lembrada com saudade e que a influência de Portugal em terras Indianas é mais do que superficial. Que quatro séculos e meio de História partilhada valeram a pena. E que Vasco da Gama merece ser comemorado, tanto em Portugal como em Goa.

Temos de saudar a excepcional participação dos participantes em todas as fases do Fórum. Este ano, a produção de trabalhos apresentados a concurso foi muito satisfatória, em número e qualidade. Dos participantes foi o mérito do convívio, camaradagem e jovialidade que se estabeleceu ao longo do Fórum. Estiveram à altura de um programa de actividades culturais muito intenso, que foi inteiramente cumprido, e souberam complementá-lo com iniciativas muito enriquecedoras de toda a experiência.

Uma empresa desta envergadura não teria sido viável sem as contribuições de instituições e pessoas amigas do Colégio. A sua participação neste Fórum tornou possível, que mais uma geração de alunos pudesse estar em contacto com uma cultura diferente, desenvolver trabalhos e discutir ideias. Estamos conscientes que o esforço financeiro que em nós aplicaram foi bem aplicado - o

Fórum continua a ser iniciativa única no panorama académico português, e esperamos que assim se mantenha.

A todos endereçamos os nossos sinceros agradecimentos.

A Comissão Organizadora

*Pedro Neto Gomes
Helder Pereira
João Marto
Rodrigo Almeida
António Costa Cabral*

TESTEMUNHO DUM PARTICIPANTE — PEDRO NETO GOMES

Apesar das distâncias e dos conflitos institucionais que então aconteceram, a presença de Portugal na Índia continua não apenas viva mas verdadeiramente participativa. Costuma-se dizer que os portugueses estão em toda a parte do mundo, foi isto que vimos e sentimos a quando da nossa chegada a Goa.

É verdade que os contrastes políticos, culturais, sociais, religiosos e humanos estão bem patentes e que culturalmente poderíamos e deveríamos pesar na nossa relação e nos contactos com as populações locais. Contudo a forma como fomos recebidos, mesmo tendo à nossa volta cenários de uma sociedade que carrega mil angústias, foi de nos sentirmos em casa.

Goa é linda. Uma espécie de menina que por razões várias deixamos no caminho, mas que continua a ser uma referência portuguesa. Ruas, becos, muralhas, igrejas, nomes de barcos e de pessoas. Vozes e ecos, falam português. Saliendo que nada foi mais forte, puro e contagiante do que a voz de um velho goês, quando num conjunto mal treinado mas levados por uma alegria indiscreta cantámos o Hino Nacional Português.

Como síntese, a nossa ida a Goa foi uma experiência bela e inacreditável que também mexeu com o nosso orgulho de sermos portugueses. Foi um reencontro histórico, religioso e cultural, de uma imagem real que certamente antes não caberia no nosso imaginário.



Rua Rosa Araújo, 49-A — 1250-194 LISBOA
Tel. 352 24 69 — Telefax 42754 Acpur P — Fax 354 09 03
Lic. DGT n.º 378/83

FILIAIS:

Shopping Center de Lisboa (Amoreiras), Loja 1122
1070-103 LISBOA
Telef. 387 22 88 — Telefax 64888 Acpamo P
Fax 387 08 41

Rua Santa Catarina, 848/852 — 4000-446 PORTO
Telefs. 200 24 99 — 200 25 00
Telex 27133 Acpur P — Fax 200 25 02



**UMA
QUESTÃO
DE QUALIDADE**

INSTITUTO D. JOÃO DE CASTRO

boletim informativo trimestral
N. de Registo 112 874

Direcção

Pe. Joaquim António de Aguiar
António Maria M. Pinheiro Torres
(Secretário-Geral do IDJC)

Redacção

Sede do Instituto
R. D. Francisco de Almeida, 49 — (Restelo)
1400-117 Lisboa
Telef. 302 17 28

Propriedade

Instituto Dom João de Castro
N.º 212 873

Difusão

Pedidos à Redacção

Fotocomposição e impressão na EDITORIAL MINERVA
Rua da Alegria, 30 — Tel. 322 49 50 • Fax 322 49 52 — 1250-007 LISBOA

DEP. LEGAL N.º 18 702/87

BRASIL

O XI Fórum na sequência do IX e X Fóruns Universitários de Estudos Europeus, realizados em Macau e em Goa

Ao longo de trinta e cinco anos, os Encontros e Fóruns Universitários de Estudos Europeus têm motivado gerações de estudantes a aprofundar os seus conhecimentos sobre a realidade europeia e mundial, levando-os a estudar e debater os seus trabalhos num país estrangeiro.

O ano passado, decidiu-se abrir um novo capítulo na já longa história dos Encontros e Fóruns, iniciando-se um ciclo de três Fóruns que seriam realizados para além do Velho Mundo.

Verificamos que existe uma grande falta de conhecimento da população universitária sobre a cultura e História brasileiras, assim como uma enorme deficiência de identificação do património que nós, portugueses, temos em comum com o Brasil, para além dos aspectos folclóricos, imediatos e mediáticos do dia-a-dia.

Esperamos que o XI sirva para despertar o entusiasmo dos estudantes pelas realidades da Lusofonia como universo cultural, e suscite uma melhor compreensão dos aspectos



Tratado de Tordesilhas. Marcação do ponto Oeste no Brasil.

Em 1998, sob o lema "A Caminho do Oriente", realizou-se o IX Fórum Universitário de Estudos Europeus, em Macau. Em 1999, o, X Fórum realizou-se em Goa, de 25 de Março a 2 de Abril, com o tema "A Universalidade dos Descobrimentos Portugueses".

A Direcção do Centro de Cultura Europeia de Colégio Universitário Pio XII, ainda em funções, decidiu que o XI Fórum Universitário de Estudos Europeus, na sequência dos dois anteriores, realizados no Oriente, realizar-se-ia no Brasil, comemorando o quinto Centenário da chegada de Pedro Álvares Cabral às terras de Vera Cruz.

O tema do XI Fórum será subordinado às relações de Portugal e Brasil com a Lusofonia, e incidirá sobretudo sobre o Tropicalismo como fenómeno modelador da cultura brasileira.

tos que conferem a cada cultura lusófona as suas características próprias e identificativas.

O XI Fórum Universitário de Estudos Europeus já se encontra, pois, a ser preparado. Esperamos que seja um digno sucessor dos que o antecederam, e que possamos assim concluir este ciclo da melhor maneira.

Para que esta empresa seja possível, contamos não só com o interesse e participação dos estudantes portugueses e estrangeiros que todos os anos concorrem a esta iniciativa, mas também com o apoio de todas as entidades, empresas, indivíduos e instituições que têm feito do Fórum Universitário de Estudos Europeus um evento académico de qualidade e um marco na cultura universitária europeia.

Pe'l'A Direcção do Centro de Cultura Europeia
António Costa Amaral